

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Chilbury Ladies' Choir*

Autora: *Jennifer Ryan*

Copyright © Jennifer Ryan 2017

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Maria João Freire de Andrade*

Revisão: *Ana David/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock e Arcangel*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 457 055/19

1.ª edição, Lisboa, julho, 2019

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## Diário da Sr.<sup>a</sup> Tilling

Terça-feira, 26 de março de 1940

O primeiro funeral da guerra, e o nosso pequeno coro de aldeia simplesmente não conseguiu cantar afinado. O «santo, santo, santo» saiu vacilante, como se fôssemos um bando de rouxinóis a chilrear. Mas não foi por causa da guerra, nem devido ao jovem canalha do Edmund Winthrop cujo submarino foi torpedeado, nem mesmo devido à terrível condução do coro por parte do vigário. Não, foi porque aquela era a última atuação do coro de Chilbury. O nosso canto do cisne.

— Não percebo porque temos de acabar — disparou a Sr.<sup>a</sup> B., depois de termos cantado, quando nos reunimos no cemitério enevoadado. — Não é como se fôssemos uma ameaça para a segurança nacional.

— Todos os homens partiram — sussurrei em resposta, consciente de que as nossas vozes se faziam ouvir incomodamente por entre a multidão enlutada. — O vigário diz que não podemos ter um coro sem homens.

— Só porque os homens partiram para a guerra, temos de acabar com o coro? E no momento em que mais precisamos dele? Quero dizer, em seguida, ele vai acabar com o quê? Com os seus amados sineiros? Com a missa aos domingos? Com o Natal? Espero bem que não! — Ela cruzou os braços, irritada. — Primeiro, levam os homens para combater, depois forçam-nos a nós, mulheres, a

trabalhar; de seguida, racionam a comida, e, agora, vão acabar com o nosso coro. Quando os nazis aqui chegarem, não vai restar nada, a não ser um monte de mulheres aborrecidas, prontas para se renderem.

— Mas estamos no meio de uma guerra — respondi, tentando acalmar as suas reclamações ruidosas. — Nós, mulheres, temos de trabalhar mais, ajudar a causa. Não me importo de executar as tarefas de enfermeira no hospital, embora também se torne mais difícil gerir a clínica da aldeia.

— Desde o princípio dos tempos que o coro faz parte de Chilbury. Há algo de revigorante em cantarmos todos juntos. — Espetou o peito para fora, a sua constituição larga e quadrada semelhante à de um marechal de campo pomposo.

O grupo de enlutados começou a dirigir-se para a Mansão Chilbury, para o obrigatório cálice de xerez e sanduíches de pepino.

— Edmund Winthrop — suspirei. — Tinha apenas vinte anos e explodiu no mar do Norte.

— Não passava de um rufia maldoso, e a senhora sabe-lo bem — ladrou a Sr.<sup>a</sup> B. — Lembra-se de como ele tentou afogar o seu David, no lago da aldeia?

— Sim, mas isso foi há anos — sussurrei. — De qualquer maneira, era natural que se tornasse instável, com o pai sempre a tratá-lo daquela maneira. Tenho a certeza de que, agora que o Edmund morreu, o brigadeiro Winthrop deve estar a sentir mais do que um ligeiro arrependimento.

*Ou obviamente não*, pensei quando olhámos para ele, a bater com o pingalim contra a bota militar, as veias do pescoço e da testa lívidas de fúria.

— Está furioso porque perdeu o herdeiro — disparou a Sr.<sup>a</sup> B. — Os Winthrop precisam de um herdeiro masculino, senão as propriedades da família estão perdidas. Ele não tem qualquer interesse nas filhas. — Olhámos para a pequena Kitty e para a bela Venetia. — Só lhe interessa o estatuto. Pelo menos, a senhora Winthrop está outra vez grávida. Esperemos que desta vez seja um rapaz.

A Sr.<sup>a</sup> Winthrop estava curvada, como um pardal esmagado, sob o peso da perda do Edmund. *A seguir, posso ser eu*, pensei,

quando o meu David se aproximou, parecendo muito adulto no seu uniforme militar novo. Os seus ombros estão mais largos desde os treinos, mas o seu sorriso e suavidade mantêm-se iguais. Eu sabia que ele iria alistar-se quando fizesse dezoito anos, mas porque é que aquilo aconteceu tão depressa? No próximo mês, vai ser enviado para França, e não consigo deixar de me sentir preocupada; como é que vou conseguir sobreviver, se lhe acontecer alguma coisa? Desde que o Harold morreu, ele é tudo o que me resta. Em pequenos, o Edmund e o David brincavam muitas vezes, aos soldados ou aos piratas, em batalhas em que o Edmund ganhava sempre. Só posso rezar para que os combates do David não acabem da mesma maneira.

Até ao momento, a guerra tem sido sinistramente tranquila, com o Hitler demasiado ocupado a invadir o resto da Europa. Mas eu sei que eles vêm a caminho, e dentro em breve estaremos cercados pela morte. Será como a última guerra, quando toda uma geração de homens foi exterminada, incluindo o meu pai. Lembro-me do dia em que o telegrama chegou. Estávamos sentados para o almoço, a luz do sol a derramar-se na sala de jantar enquanto o gramofone tocava Vivaldi. Ouvi a porta da frente abrir-se, depois o estrondo quando o corpo da minha mãe atingiu o chão, o sol a entrar pela sala, indiferente.

Agora, as nossas vidas estão prestes a entrar num novo turbilhão: mais mortes, mais trabalho, mais improvisações. E o nosso amado coro também desapareceu. Estou meio decidida a escrever ao vigário, a protestar. Mas, possivelmente, não o vou fazer. Nunca fui pessoa de armar confusões. A minha mãe disse-me que as mulheres se saem melhor quando sorriem e concordam com tudo. No entanto, às vezes, sinto-me tão frustrada com tudo o que se está a passar. Só me apetece gritar.

Acho que foi por isso que comecei um diário, de modo a poder exprimir as coisas que não digo em voz alta. Um programa na rádio disse que ter um diário pode ajudar a fazer sentir-nos melhor, se tivermos entes queridos distantes, por isso ontem saí de casa e comprei um. Tenho a certeza de que, dentro de pouco tempo, estará preenchido, em especial quando o David partir e eu ficar sozinha,

com pensamentos a surgirem-me na cabeça sem nenhum lugar para onde irem. Sempre sonhei ser escritora, e suponho que isto é o mais perto que conseguirei chegar.

Ao pegar no braço do David e começar a seguir a multidão até à Mansão Chilbury, olhei para trás para a igreja velha e decrépita.

— Vou ter saudades do coro.

Ao ouvir isto, a Sr.<sup>a</sup> B. respondeu de imediato:

— Não a vi tentar fazer o vigário mudar de ideias.

— Mas, senhora B. — disse o David, com um sorriso afetado —, nós deixamos sempre que seja a senhora a fazê-lo. É algo que a senhora normalmente faz.

Tive de esconder o sorriso atrás da mão, à espera da fúria da Sr.<sup>a</sup> B. Mas, nesse momento, o vigário em pessoa passou por nós a correr, trotando a grande velocidade atrás do brigadeiro, que caminhava a passo acelerado em direção à mansão.

A Sr.<sup>a</sup> B. olhou para eles, apertou o guarda-chuva com uma determinação sombria e começou a correr atrás dele, gritando: «Tenho de lhe dar uma palavrinha, senhor vigário», o seu habitual grito de guerra.

O vigário virou-se e, ao vê-la ganhar velocidade, começou a correr o mais depressa que lhe era possível.

Carta da *Miss* Edwina Paltry  
à sua irmã, Clara

*Church Row, 3  
Chilbury,  
Kent*

*Terça-feira, 26 de março de 1940*

Prepara-te, Clara, estamos prestes a ficar ricas! Foi-me oferecido o acordo mais inescrupuloso de que alguma vez ouviste falar! Eu sabia que esta maldita guerra iria fazer aparecer algumas oportunidades — quem é que teria pensado que ser-se parteira podia ser tão lucrativo! Mas nunca poderia ter imaginado que um acordo tão sujo iria surgir do ranhoso do brigadeiro Winthrop, o tirano de classe alta, que pensa ser o dono desta pequena aldeia puritana. Eu sei que vais dizer que é imoral, até mesmo pelos meus padrões, mas tenho de deixar de ser uma parteira enclausurada e desprezada. Tenho de voltar à velha casa, onde posso viver a minha própria vida e ser livre.

Não vêes, Clara? Dentro em breve, posso pagar o dinheiro que devo, tal como prometi, e vais finalmente perceber como sou esperta, como posso compensar os erros que cometi no passado. Podemos esquecer o passado e nunca falarmos do que aconteceu com o Bill (embora continue a achar que te salvei das garras dele). Depois volto a comprar a nossa casa de infância em Birnham Wood, só campos e falésias à beira-mar, e podemos viver felizes e em segurança, como vivíamos antes de a mãe morrer. Acabarei com os

partos, os bebês e as erupções desagradáveis nas regiões pudendas das pessoas, pessoas que me dão ordens e se riem nas minhas costas. Voltarei a ser eu mesma, sem ninguém a vigiar-me.

Mas deixa-me contar-te toda a história desde o início, porque sei que adoras pormenores. Foi o funeral do Edmund Winthrop, o desprezível filho do brigadeiro, que na semana passada explodiu num submarino. Só tinha vinte anos — num minuto um réptil repulsivo, no minuto seguinte um festim para os peixes.

A manhã do funeral estava fria e molhada, como uma bofetada dada com um bacalhau acabado de apanhar. Até podíamos estar no mar do Norte, devido aos ventos ferozes e às nuvens horrendas, um falcão monstruoso a sobrevoar-nos em busca de uma vítima. «Bastante adequado», ouvi alguém murmurar, enquanto avançávamos de guarda-chuvas abertos pelo cemitério lamacento até à igreja sombria e bafienta.

Cheio até ao teto, o lugar zumbia de espectadores mexeriqueiros. Os Winthrop e os seus amigos aristocratas estavam sentados na parte da frente da igreja, todos emproados e emplumados, como uma fila de cisnes negros. Aqui e ali surgiam os salpicos caqui e cinzentos dos uniformes, como é habitual acontecer, homens fardados que pensam que são especiais quando são apenas estúpidos. Na minha opinião, são mais ignorantes do que outra coisa.

Os restantes de nós, habitantes locais (hoje em dia, sobretudo mulheres de casacos de lã), tivemos de nos amontoar atrás deles, ouvindo aquilo a que chamam de coro, umas quantas vezes desafiadas a arriscarem um «santo, santo, santo». As mulheres elegantes da aldeia estão perturbadas por o coro ir acabar, mas depois de uma atuação daquelas eu preferiria ouvir um coro de gatos.

Durante todo aquele serviço fúnebre aborrecido, a mãe do soldado morto choramingava entre as mãos, tremendo por baixo do seu fato preto. Está outra vez grávida, numa idade tardia — embora ainda esteja no fim da casa dos trinta. Dizem que o seu pai horrível a forçou a casar-se com o brigadeiro, quando ela ainda mal tinha dezasseis anos, e desde então que é aterrorizada por ele.

No entanto, era a única que chorava. Os restantes não tinham sido assim tão cegos aos modos arrogantes e abrutalhados do Edmund

— iguais aos do pai. Tenho a certeza de que alguns dos presentes até sentiram uma desforra justificada, com a sua morte prematura.

Mal se esforçando para parecerem tristes, as suas duas irmãs (agora, com treze e dezoito anos) estavam obedientemente sentadas ao lado da sua mãe angustiada. No funeral, a Venetia, a mais velha, com o seu cabelo dourado e os seus modos coquetes, estava mais interessada em fazer olhinhos àquele artista novo e atraente. A jovem Kitty, desengonçada como uma gazela em crescimento, olhava em volta como se tivesse visto um fantasma; o seu rosto, afilado como o de uma fada, sob o brilho azul-arroxeadado do vitral que se ergue por cima do altar. Ao seu lado, aquela miúda, a refugiada estrangeira, parecia petrificada, como se já tivesse visto a morte e muitas outras coisas para além disso.

O brigadeiro tinha o olhar fixo à sua frente, como um abutre dominador, as medalhas polidas e o seu prestígio de classe alta colocando-o acima de todos os outros que se encontravam na igreja. Batia ritmadamente com o pingalim de ponta de prata contra a bota. O seu temperamento violento é lendário, e naquele dia ninguém o iria enfurecer. É que sabes, para além de ter perdido o seu único filho, também perdeu a fortuna da família. As propriedades pertencentes à Mansão Chilbury têm de ir para um herdeiro masculino, e a morte do Edmund mergulhou a família num turbilhão. O brigadeiro será considerado um tolo, se a fortuna da família se perder nas suas mãos. Mas eu conheço o seu género. Ele não vai aceitar isso com resignação.

Depois do serviço fúnebre extenuante, pegámos nas caixas das nossas máscaras de gás e avançámos sombriamente por entre os punhais horizontais de chuva gelada até à Mansão Chilbury — uma monstruosidade georgiana mandada construir, de um modo brutal, por algum antepassado Winthrop.

Subi arquejante a escadaria até à porta enorme, à espera de um cálice de qualquer coisa e de um sofá grande e confortável, mas o lugar já estava cheio de enlutados a cheirar a humidade e guarda-chuvas molhados. O ambiente era tão barulhento como a estação de King's Cross, o vestíbulo com as suas arcadas de mármore a ecoar com os saltos das senhoras e as conversas ruidosas. Os Winthrop



são uma família antiga e abastada, e os habitantes locais são sapos interesseiros, todos a andarem por ali, não se fosse dar o caso de poderem lançar as suas mãos nojentas a alguns dos despojos.

E eu? Eu já tenho a mão nos seus bolsos, e isso faz com que seja assunto meu manter-me a par do que se passa por aqui. É que sabes, o brigadeiro já me está a pagar para manter a boca fechada acerca dos seus assuntos — incluindo aquela gravidez indesejada no ano passado; e o seu filho nojento a espalhar doenças pela aldeia, mais depressa do que consegues dizer «gonorreia». Para mim, esta guerra significa oportunidade. Qualquer parteira merecedora desse nome deve perceber o potencial que uma tal situação lhe pode trazer, em especial com o tipo de aristocracia indecente que pensa estar para lá de qualquer censura. São presa fácil para a extorsão — vinte aqui, quarenta ali. Tudo dá jeito.

Quando entrei, vislumbrei uma criadita bonita — de pescoço longo e elegante, mas com uma expressão azeda — parada nas escadas para evitar a multidão, um tabuleiro com cálices de xerez equilibrado numa mão. O ano passado foi ter comigo depois de ter apanhado gonorreia do comandante Edmund, tal como metade da maldita aldeia. Contou-me que ele prometera casar com ela, prometera-lhe dinheiro, liberdade, amor, mas depois, assim que a guerra foi declarada, desaparecera na Marinha. Senti tanta pena dela que lhe contei das suas outras mulheres — a criada anterior, a mulher do jardineiro, a filha do vigário —, todas com a mesma doença. Tratei-as a todas, e também ao Edmund, a besta nojenta. A criada chama-se Elsie. Acho que ficou um pouco perturbada por eu lhe ter contado os segredos de toda a gente, sem dúvida preocupada com os seus. Mas disse-lhe que só lhos tinha contado por sermos amigas.

Sorri-lhe de um modo conspirador, e tirei um cálice de xerez do tabuleiro. Nunca se sabe quando estas pessoas nos podem dar jeito.

Juntei-me à fila daqueles que apresentavam as suas condolências, atrás da sombria Sr.<sup>a</sup> Tilling, enfermeira, membro do coro e benfeitora deplorável. «Ele será sempre recordado como um herói», estava ela a dizer, num tom emocionado. É tão excruciantemente bem-intencionada, que só me apetece mergulhar a sua cara comprida num barril de cerveja para a espevitar.

— Nunca devia ter acontecido — disparou a Sr.<sup>a</sup> B., outro membro do coro, toda empinada com o tradicional fervor pelas classes altas, a intolerável ao lado da insuportável. O seu apelido completo é Brampton-Boyd, e fica exasperada por todos lhe chamarem Sr.<sup>a</sup> B.

Quando me aproximei da frente da fila, a Sr.<sup>a</sup> Tilling sugou as faces, aborrecida. Nunca me aprovou. Entrei no seu território de enfermagem, tornei-me demasiado próxima da comunidade da aldeia. Também deve ter ouvido falar de algumas das minhas práticas menos ortodoxas. Ou dos pagamentos.

— É terrivelmente trágico — disse eu, no meu melhor tom de voz. — Foi levado tão jovem. — Plantando um sorriso de lábios fechados no rosto, desviei-me rapidamente para o lado, permanecendo sozinha, as pessoas a olharem-me de tempos a tempos, perguntando-se o que estava eu ali a fazer.

Enquanto pensava em abrir algumas portas e bisbilhotar um pouco, um mordomo curvado, parecido com um gnomo, conduziu-me à sala de estar, onde esperei juntar-me a alguma refeição fúnebre de classe alta, mas dei por mim sozinha na sala grande e silenciosa.

O som distante de alguém a martelar num piano a *Sonata ao Luar* de Beethoven ressoava constrangido pelo teto ornamentado, enquanto eu passava os dedos pelo sofá forrado a brocado dourado. Peguei numa estatueta em bronze de um grego nu, pesada no meu punho como uma arma letal. A opulência da sala era estonteante, com os seus cortinados de seda azul que chegavam ao chão, os quadros majestosos de antepassados repugnantes, as estatuetas de porcelana, a antiguidade, a injustiça.

Não consegui deixar de pensar que, se tivesse assim tanto dinheiro, faria um trabalho muito melhor, animaria um pouco o lugar. Cheirava a morte, tão antiga como os mortos nas paredes, tão bolorenta como as cabeças de veados que me observavam da parede de painéis de carvalho, o assentar de pó e cinzas. Lembrei-me da última guerra, a Grande Guerra, quando todo o dinheiro do mundo não podia comprar uma fuga da mortalidade. Aquela fora a grande niveladora. Engraçado como as coisas regressaram tão depressa ao normal — os ricos no poder, nós a debatermo-nos cá em baixo.

Tirei o meu maço de cigarros e acendi um, o fumo sinuoso a serpentear até aos cortinados, a instalar-se na casa.

Ouvi uma voz ríspida atrás de mim. «Posso falar consigo?» Uma mão agarrou-me o cotovelo e, antes de ter tempo de perceber o que se estava a passar, estava a ser empurrada para uma porta no fundo da sala. Virei-me para ver o brigadeiro, veias arroxeadas a latejarem-lhe nas têmporas — devia ter estado a beber uísque até altas horas da noite. Empurrou-me para um escritório, decorado de um modo tipicamente masculino, muitas poltronas de cabedal e pilhas de papéis e ficheiros. O odor a charutos misturava-se, de um modo desagradável, com um cheiro de hálito rançoso.

Enquanto girava a chave na fechadura atrás de si, percebi que aquilo significava dinheiro.

— Lamento imenso a sua perda — disse-lhe, observando o que me rodeava, tentando encobrir qualquer nervosismo. O brigadeiro é uma pessoa importante, uma presença esmagadora, impertinente, grosseiro e antipático, mas também poderoso e implacável. É um indivíduo da velha guarda, aqueles que pensam que a classe alta ainda consegue abrir violentamente caminho através de tudo. Aqueles que pensam que podem mandar nos restantes, e portarem-se como se fossem os donos e senhores do país.

— Eu sabia que você viria — murmurou ele, num tom irritado, a voz arrastada devido à bebida. — Foi por isso que pedi ao Progett para a trazer até à sala de estar das traseiras. Tenho um serviço para si. O tempo é precioso. — Sentou-se muito sério atrás da sua enorme secretária, deixando-me de pé do outro lado, a serva à espera de ordens. Pensei em puxar uma cadeira, mas achei que aquele ato de rebeldia poderia custar-me algumas libras, por isso limitei-me a deixar cair a minha mala preta no chão e esperei.

» Antes de começar, tenho de saber se posso contar com a sua absoluta discrição — disse ele, semicerrando os olhos, como se aquele fosse um acordo de guerra oficial, quando eu sabia desde o início que não seria nada do género.

— Claro que a tem, como é habitual — menti, olhando-o fixamente por ele se ter atrevido a duvidar da minha integridade. Não me assustava com os seus modos militares de classe alta. — Sou

uma profissional, brigadeiro. É a isso que se está a referir? Nunca me sinto surpreendida com aquilo que me pedem. E mantenho sempre a boca fechada.

— Preciso que me faça um trabalho — disse ele, num tom brusco. — Ouvi dizer que está disposta a ir além dos serviços habituais?

— Isso depende dos serviços em questão — respondi. — E da quantia que recebo.

Surgiu-lhe um brilho nos olhos, e ele endireitou-se na poltrona. Eu estava a falar a linguagem que ele queria ouvir — mais interessada no dinheiro do que na natureza do trabalho.

— Pode receber muito dinheiro.

— O que tem, exatamente, em mente?

Nesse momento, eu já tinha calculado que ele estava prestes a sair-se com algo de grande, algo que me iria encher bem os bolsos. Calculei que houvera outro caso amoroso que correria mal (talvez estivesse envolvida uma mulher da classe alta, talvez alguém da aldeia), por isso *chocada* não descreve o modo como me senti quando ele me disse do que se tratava.

— O nosso bebé tem de ser um rapaz.

Seguiu-se uma pausa, enquanto eu me perguntava o que queria ele dizer com aquilo. Ele percebeu a minha reação, os seus olhos a perscrutarem-me, debatendo se eu teria a coragem, falsidade e cobiça necessárias.

— Esta primavera, vão nascer mais crianças na aldeia — continuou ele, agindo como se estivesse a dar ordens complexas na linha da frente. — E o nosso bebé tem de ser um rapaz. Se houvesse uma maneira de garantir que é esse o caso...

Percebi tudo. Aquilo era ultrajante. Se o seu bebé fosse uma menina, ele queria que eu o trocasse por um bebé do sexo masculino, que tivesse nascido na aldeia. Suguei os lábios, esforçando-me por afastar um sorriso enorme e o rubor do rosto. Eu ia levá-lo à falência com aquilo! Mas tinha de me manter calma. Arrancar dali o máximo que me fosse possível.

— Acho que isso seria um risco enorme, bem como um compromisso pessoal imenso — retorqui.

Ele inclinou-se para a frente, deixando cair a fachada durante um instante, os seus olhos a saltar, redondos e sangrentos.

— Mas pode ser feito?

— Possivelmente — respondi, num tom evasivo. Mas eu sabia que o podia fazer. Tenho uma poção de ervas forte que faz com que os bebés nasçam muito depressa, e a aldeia é pequena, pode-se ir de uma casa a outra em minutos.

— Qualquer pessoa que possa fazer com que isso aconteça será muito bem recompensada — acabou ele por dizer, os dedos a brincar com o bigode, como se aquilo fosse um dilema num campo de batalha.

— Quão bem?

Ouvimos um ruído do outro lado da porta, e aquilo fê-lo retrair-se.

— Podemos discutir isso, noutra altura e noutro lugar. — Levantou-se e dirigiu-se à janela. Havia uma porta envidraçada, sobranceira a uma imensidão de campos e vales que desciam até ao canal da Mancha, cinzento e batido como água suja de lavar pratos.

» Vamos encontrar-nos daqui a duas semanas, na quinta-feira às dez, no barracão de Peasepotter Wood — disse ele, em voz baixa.

— Lá estarei — sussurrei.

— Agora, pode ir — acrescentou ele. Depois, a sua cabeça virou-se repentinamente, e os seus olhos perfuraram os meus com uma repugnância ameaçadora. — E não conte isto a ninguém.

Satisfeita por me pirar dali, virei-me e irrompi porta fora, girando a chave na fechadura e depois fechando suavemente a porta atrás de mim, antes de regressar ao vestíbulo amontoado. Comecei a andar mais depressa, enquanto entrava e saía dos grupos de vizinhos intrometidos, dos grupos de enlutados, alguns vestidos de preto, alguns de uniforme. Marchei diretamente até à porta da frente e saí sem me despedir de ninguém. Ainda havia pessoas a subir o caminho de acesso amplo, por isso tive de me conter e não saltar de alegria, enquanto trotava rapidamente de regresso à aldeia.

Assim que entrei na minha casinha pardacenta, soltei um grito bem merecido, lançando os braços ao ar e rindo-me com verdadeira alegria. Isto vai resultar.

Vou mostrar-te que podes perdoar-me aquilo que aconteceu com o Bill, e por ter roubado o dinheiro quando fugimos. Como é que eu podia saber que ele ia agarrar no dinheiro e desaparecer o mais depressa possível?

Podemos voltar a ser felizes, como quando éramos pequenas. Engraçado, nunca pensamos na sorte que temos até tudo nos ser tirado, primeiro a morte da mãe, depois termos de ficar com o nojento do tio Cyril quando o pai estava preso, fechadas no seu sótão como escravas. Mas já chega disso. Vamos pôr o passado atrás de nós, Clara.

Chegou o momento de nos prepararmos. Há mais duas mulheres na aldeia cujos partos vão acontecer mais ou menos na mesma altura do da Sr.<sup>a</sup> Winthrop. A flácida da Sr.<sup>a</sup> Dawkins da quinta, que já vai no quarto filho, por isso deve ser simples. Menos fácil será a boazinha da Hattie Lovell, a professora, cujo marido está no mar. A Hattie é amiguinha daquela enfermeira, a Sr.<sup>a</sup> Tilling, que tirou o curso de parteira e acha apropriado enfiar o nariz nos meus assuntos. Cada vez que vou a casa da Hattie, ela está lá e deixa-se ficar por ali como uma enfermeira-chefe, dizendo que ela é que vai assistir ao parto. Ela não compreende. Esta aldeia não é grande o suficiente para duas parteiras.

Voltarei a escrever, depois do encontro com o brigadeiro. Quem iria imaginar que um cavalheiro, de tão alta classe, descesse tão baixo? Vou sangrá-lo, e arrancar-lhe a maior quantia de dinheiro que conseguir. Desta vez não te vou dececionar, Clara. Juro que vais receber o dinheiro que te devo.

*Edwina*